

SABERES E PRÁTICAS RELIGIOSAS DE MULHERES PARTEIRAS

Silene Arcanja Franco*

Resumo: *Este artigo discute as formas de atuação das mulheres parteiras que vivem nos municípios de Salvador e Lauro de Freitas, com enfoque nas formas de aprendizagem, como elas ocorriam, quais significados eram dados e qual a relação com a religiosidade. Buscou-se evidenciar os locais que estas mulheres residem, suas experiências cotidianas e relação com a comunidade. Utilizou-se das entrevistas como fonte de pesquisa que figuram neste trabalho como documentação principal, como forma de registrar as falas das parteiras, retratando suas emoções, sentimentos, cotidiano, com o aporte da História Oral e dos Estudos Culturais.*

Este texto se propõe a analisar os significados culturais presentes na forma em que acontece a aprendizagem das mulheres parteiras em Salvador e Lauro de Freitas. Busco identificar em suas falas elementos de uma herança civilizatória indígena e africana que dão sentidos às suas práticas, acreditando que as formas em que estas aprendizagens acontecem, longe de significar ausência de uma habilidade (escrita), se relacionam com o universo cultural em que as parteiras estão inseridas.

“Olhe essas coisas aí eu ouvi os mais velhos falar no interior, né. Eu sempre fui curiosa... quando eu nasci foi com parteira e eu ouvia muito minha vó falar né, conversar, comentar aí eu aprendi assim”. (Maria Venância, 51 anos). Esta é a fala da parteira Maria Venância, moradora do bairro de São Marcos em Salvador, ao ser questionada como aprendeu a fazer parto e receitar chás de ervas para as mulheres que atendia em sua comunidade. Dona Venância é natural de Vitória da Conquista, veio para Salvador há 21 anos, antes, porém, morou em Mangue Seco e Aracaju, no Estado de Sergipe, ocasião em que viveu com sua avó. Ela afirma que ninguém a ensinou a fazer parto, não houve nenhuma explicação, não participou de curso, nem leu em livro algum, foi como se já nascesse sabendo. Olhando os mais velhos fazer, assim se aprende entre as mulheres parteiras.

“Eu ouvi os mais velhos falar no interior”. Um dos aspectos que chama atenção na fala da parteira Maria Venância está relacionada com o poder da fala e do testemunho. Estes aspectos se relacionam com a aprendizagem que se faz nas sociedades africanas, civilizações da palavra falada, que vem sendo preservada dentro dos terreiros de candomblés da Bahia, a tradição oral. Nesta tradição a fala não é utilizada apenas como uma forma de comunicação, mas também, como preservação da sabedoria dos ancestrais. E o testemunho é uma tradição que se repete de geração em geração.¹

A fala nesta tradição tem poder, vem carregada de significação, ela cria coisas, gera vida. No caso das parteiras, através da fala, acompanhada da ação de um mais velho, o ensinamento acontece. De forma natural, espontânea, não-intencional. A ação não está centrada no ato de ensinar e aprender, este é consequência de uma atitude que se repete a cada parto que se realiza. O importante na hora do parto não é passar um ensinamento, apesar de ser importante para a continuidade do ofício, o importante na hora do parto é atender a mulher que vai dar à luz.

* Aluna do Curso de Especialização em História Social e Educação da Universidade Católica do Salvador - UCSal. E-mail: sileninha_21@hotmail.com. Autor.

¹ Vansina, J. A Tradição Oral e sua metodologia. In: HISTÓRIA GERAL DA ÁFRICA I. Metodologia e pré-história da África. Ática/Unesco, 1982, p. 157.

A presença das mulheres mais velhas acudindo a um parente, comadre, vizinha na hora do parto iniciou muitas mulheres na arte de partejar. Na Bahia, as parteiras ou comadres acompanhavam a gravidez das mulheres, aparavam as crianças, cortavam o umbigo, realizavam os primeiros atendimentos à mãe e à criança, como também cuidavam das “doenças de mulheres”.²

A convivência com a avó possibilitou à parteira Venância se apropriar de um saber milenar. Relacionando o saber das parteiras às tradições indígenas, (JUCÁ, 2002, p. 19) afirma: entre os indígenas, dado à sua diversidade não se pode falar em um único referencial, no entanto alguns aspectos podem ser levantados:

“O sistema de parentesco é de vital importância e perpassa todos os domínios da vida social. As funções biológicas nada têm de misterioso, nem sequer para crianças, que observam partos, cuidam das parturientes, jogam a placenta fora. A fisiologia, no entanto, está sempre ligada, na concepção indígena, a um sistema mágico-religioso. Nos partos, não apenas as mulheres e parentes procuram, mas os pajés são considerados indispensáveis”.

Ao contrário do que acontece em nossas escolas, entre os indígenas vida e aprendizagem não estão dissociadas, englobando tanto a vida em sociedade quanto a religiosidade. Conhecimento, saber não acontecem de forma fragmentada, estanque, se relacionam com as experiências cotidianas.

Assim, como nas sociedades indígenas e africanas, na aprendizagem das mulheres parteiras a família tem um papel fundamental. Na maioria das vezes se aprende em casa ou na tribo, com avó, mãe, tia. É no cotidiano das famílias que se aprende, seja ouvindo a conversa entre os mais velhos, onde as crianças não participavam, seja observando o vai e vem aligeirado na hora de socorrer alguma gestante, este era o cenário.

Dona Miúda, ao contar como aprendeu a fazer parto revela: “... *mais o umbigo eu via porque minha família é toda de parteira, eu via minha vó, minhas tia dizer que pra cortar o umbigo era três dedo, ai eu me lembrei...*”. Dona Miúda mora no bairro de Itinga, em Lauro de Freitas, tem 82 anos, segundo ela, fez o parto de quase todos na região em que mora.

Para (Hampate-bá, 1982, p. 183), a “tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos”, desta forma, a vida se faz escola no relacionamento com a comunidade, na solidariedade entre os vizinhos. O saber das mulheres parteiras tem função social, não está desconectado da sua vida, tem uma utilidade prática. É um saber a serviço de uma coletividade. É na ocasião em que uma necessidade se apresenta que se descobre saber fazer parto.

Aqui de junto tinha um pé de amenda e um monte de capim (aponta para o local) a menina estava ganhando neném ali, ela subiu eu ouvi gritar eu levantei de camisola quando cheguei aqui vi a menina parindo ai aparei a menina dei a colega pra segurar vim buscar uma toalha em casa para enrolar o bebe ai ou bem eu segurava o bebê ou bem tirava as placentas pedi a colega pra encerrar a barriga dela (aperta o local com a mão) pra a placenta sai saiu com placenta, saiu tudo, graças a Deus, foi um parto ótimo, a menina já esta mocinha, a mãe disse que foi o melhor parto que teve, foi a última que ela teve ela só tem um casal. Ela tem um filho mais velho e essa menina.³

² Barreto, Maria Renilda Nery. Nascer na Bahia do Séc. XIX(1832-1889) . Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba. Pg.25

³ Entrevista de dona Venância Maria dos Santos.

O trecho acima relatado por dona Venância nos mostra um aspecto de sua vida diária como parteira junto a sua comunidade, ao mesmo tempo em que testemunha a existência de laços de solidariedade, entre as mulheres dos bairros populares, demonstrando a atualidade da sua ação, herdeira que é das parteiras tradicionais de outrora.

Em Salvador, mesmo com o desenvolvimento dos serviços de saúde, com suas maternidades e postos de atendimento, a presença das parteiras se faz necessária e nos revela uma especificidade do atendimento pré-natal no que diz respeito ao atendimento de urgência, ao acompanhamento diário no qual os serviços de saúde não dão conta.

Um aspecto que chamou a atenção na fala da parteira Venância diz respeito à referência ao pé de amêndoa e ao monte de capim que serviram de estímulo para alimentar sua lembrança. Ulpiano Bezerra, no texto “A História Cativa da Memória?”, afirma ser a memória filha do presente, no entanto este se torna incompreensível, se lhe faltar o referencial do passado.⁴ Enquanto narrava sua história, dona Venância se voltava a todo o momento para o lugar onde no passado se encontrava a árvore e o capim, como estivesse ali a fonte de sua memória.

Os conhecimentos foram adquiridos na vida cotidiana, estão baseados nas suas vivências e práticas retratando valores, idéias, crenças. Estes, por sua vez, se relacionam com os ensinamentos transmitidos por suas ancestrais.

Referindo-se as parteiras do Amapá, assistidas pelo Programa das Parteiras tradicionais no ano de 1995, Betty Mindlin afirma:

“Respeitadas, pela população, usando toques, rezas, cantos, seguindo antigos costumes pouco estudados, com um conhecimento do corpo feito de experiência prática, estas mulheres têm um papel social importante representam um socorro precioso para as parturientes ao originar-se a vida, uma relação com o sagrado que é o nascimento”.⁵

O que estas mulheres aprenderam não possui um valor comercial, é um conhecimento que se relaciona o tempo todo com o sagrado. Não importa a que tradição religiosa elas pertençam. O aspecto religioso não se relaciona apenas com o catolicismo, mas também se relaciona com elementos da religiosidade de matriz africana.

Dona Miúda, mesmo afirmando ter sido sempre católica e se convertido a uma religião pentecostal por conta de um acidente, não deixa de acreditar na existência de uma outra energia que a toma na hora do parto. “– Não que seja alguma coisa não. Se alguém disser está mentindo porque eu mesmo nunca dei (risos) agora que parece que a pessoa não esta ali só, parece que tem ali uma ajuda isso é verdade”. (dona Miúda, 93 anos – Itinga).

“É dom de Deus. Por que tudo Deus dá o dom, tudo. Porque eu digo assim, eu não sei lê, não sei escrever, mas minha cabeça é um computador...”.

A parteira Venância atribui o seu saber a uma graça divina, para ela o fato de ser analfabeta não é impedimento para Deus, já que acredita que apesar de não saber ler dentro dos padrões oficiais de leitura, a sua cabeça é um computador, tudo registra, tudo memoriza. Melhor dizendo, a memória substitui o fato de não saber ler e esta habilidade é obra de Deus, que tudo dá.

Para entender a religiosidade das mulheres parteiras se faz necessário recuar um pouco na história. Tarefa esta que está longe de indicar anacronismo, já que entendemos a prática religiosa dessas mulheres próximas das empreendidas pelas parteiras de outrora.

⁴ Menezes, Ulpiano T. Bezerra de Menezes. A História Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, São Paulo, 34, 1992.p. 14.

⁵ Jucá, Luiza, Moulin, Nilson. Parindo um novo mundo:Janete Capibaribe e as parteiras do Amapá. SãoPaulo: Cortez, 2002. p.14.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se o final do século XIX e início do XX significou uma invisibilidade na atuação das parteiras, assistimos na última década do século XX e início do XXI a emergência de vários Programas cujo objetivo é dar visibilidade a estas mulheres que espalhadas pelas regiões do país, continuam como personagens principais na cena do nascimento.

Na Bahia as parteiras se encontram nas cidades do interior, em sua maioria, mas encontramos um contingente significativo na capital: as parteiras urbanas. Se o século XIX representou outras formas de percepção do corpo, da doença, do conhecimento, a atualidade da ação das parteiras significa que os saberes acumulados destas mulheres não se contrapõem ao saber da ciência médica, antes disso, complementam-se, pois são herdeiras de um continuum civilizatório onde vida e morte, sagrado e profano não se separam.

REFERÊNCIAS

BARROSO, Iraci C. **Saberes e práticas das parteiras tradicionais do Amapá**: histórias e memórias. 2001. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas.

BARRETO, Maria Renilda Nery. **Nascer na Bahia do Séc. XIX**(1832-1889). Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA.

BAIROS, Luiza. Nossos Feminismos Revistados. In: **Estudos Feministas**, n. 2/95. Ano 3.

BESSA, Lucineide Frota. **Condições de Trabalho de Parteiras Tradicionais** – Algumas Características no contexto domiciliar rural (Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem da UFBA), Salvador, 1997.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar de. **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998,

FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. 40ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000

GIACOMINI, Sônia. **Mulher e Escrava**. Uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil. Vozes, Petrópolis, 1988.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. “Notas sobre a Raça, Cultura e Identidade na Imprensa negra de São Paulo e Rio de Janeiro, 1925 – 1950”. **Afro-Ásia**, 29/30, pg.247. São Paulo e Rio de Janeiro, 1925 – 1950”. **Afro-Ásia**, 29/30.

HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: **DA DIÁSPORA: IDENTIDADES E MEDIAÇÕES CULTURAIS**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende...[et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

LUZ, Narcimária Correia do Patrocínio. **Bahia A Roma Negra: Estratégia Comunitária e Educação Pluricultural**, pg. 03. <http://www.intercom.org.br/papers/2002/np13/NP13LUZ.Pdf>.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de Menezes. A História Cativa da Memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, 34, 1992.

MENDONÇA, Lúcia G. Parteiros em Londrina: 1958-1995. Programa de Pós-Graduação em História das Ciências da Saúde Casa de Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2000.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1994. – (Caminhos da História)

_____. História, Memória e Imaginação: Gilda e seus Príncipes. Trabalho apresentado no Congresso de História Oral, Maranhão, 2005.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O Sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

PASSOS, Elizete. Impacto da Perspectiva de Gênero e dos Estudos sobre a Mulher na Universidade Federal da Bahia.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Vivências Cotidianas de Parteiros e Experientes do Tocantis. Revista Estudos Feministas, ano 10 2º semestre 2002.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC - SP. São Paulo, 1988.

DEL PRIORE, Mary. Mulheres no Brasil colonial. 2.ed. – São Paulo : Contexto, 2003 – (Repensando a História).

SIQUEIRA, Maria de Lourdes. Iyami, Iya Agbas. Dinâmica da Espiritualidade Feminina em templos afro-baianos. In: **REVISTA ESTUDOS FEMINISTA**. Vol.3 n. 2/95.

SOARES, Cecília Moreira. Mulher Negra na Bahia no Século XIX. Dissertação apresentada ao Mestrado em História, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba. 1994.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas (orgs.). Rio de Janeiro: Campus, 1997.

SOUZA, Maria Lúcia de Barros Mott de Melo. **Parto, Parteiros e Parturientes – Mme. Durocher e sua época**. Tese apresentada ao Departamento de História da Faculdade de São Paulo. São Paulo, 1998.

_____. Assistência ao Parto: Do Domicílio ao Hospital (1830 – 1960). PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós – Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. N.) (1981) – São Paulo, 1981.

